



Série
Memórias do Espiritismo

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):

Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis;

William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;

Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;

Hercílio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Eurípedes Barsanulfo;

Victor Hugo, Charles Robert Richet, Cesare Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;

Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.

Viagem Espírita em 1862

© 2022 – Conhecimento Editorial Ltda

VIAGEM ESPÍRITA EM 1862
Allan Kardec

Todos os direitos reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – CEP 13485-150
Fone/Fax: 19 3451-5440 – Limeira – SP
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos
autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico
ou mecânico, inclusive por processos xerográficos,
de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por
escrito, dos editores.

Tradução: Maria Alice Farah Antonio
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-142-1
1ª EDIÇÃO – 2022

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Kardec, Allan (1804-1869)
Viagem Espírita em 1862 / Allan Kardec ; tradução de
Maria Alice Farah Antonio – Limeira, SP : Editora do
Conhecimento, 2022.
92 p. (Memórias do Esritismo)

ISBN 978-65-5727-142-1
Título original: *Voyage spirite*

1. Espiritismo 2. Viagem espírita I. Título II Antonio, Maria
Alice Farah III Série.

22-4349 CDD — 133.9

Índices para catálogos sistemático:
1. Espiritismo

Allan Kardec

Viagem Espírita em 1862

1. As Observações sobre o estado do Espiritismo
2. As Instruções dadas em diversos grupos
3. As Instruções sobre a formação dos Grupos e Sociedades,
e um modelo de regulamento para seu uso.

Fora da caridade, não há salvação.
Fora da caridade, não há verdadeiros espíritos.

Tradução
Maria Alice Farah Antonio

1ª edição
2023





Este fascinante mapa de 1862 de Justus Perthes & Stieler retrata a França. Há um mapa inserido de Paris e arredores. Em uma exibição de talento cartográfico exclusivo dos mapas de Perthes, um perfil de elevação da terra é representado na parte inferior do mapa. Ao contrário de outras editoras cartográficas do período, a firma Justus Perthes, não transitou para as técnicas de impressão litográfica. Em vez disso, todos os seus mapas são gravuras em placas de cobre e, portanto, oferecem um nível de caráter e profundidade de detalhes que eram impossíveis de encontrar em litografia ou gravura em cera. Todo o texto em alemão. Publicado na edição de 1862 do Schul-Atlas de Stieler.

Sumário

Impressões gerais.....	9
Discursos pronunciados nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordéus	
I.....	25
II.....	38
III.....	45
Instruções particulares dadas aos grupos em resposta a algumas das questões propostas	
I.....	63
II.....	66
III.....	67
IV.....	68
V.....	70
VI.....	71
VII.....	75
VIII.....	77
IX.....	78
X.....	80
XI.....	83
Projeto de regulamento para uso dos grupos e pequenas sociedades espíritas.....	86

Impressões gerais

Nossa primeira viagem espírita, em 1860, limitou-se a Lyon e a algumas cidades que se encontravam em nosso trajeto. No ano seguinte acrescentamos Bordéus ao nosso itinerário e, este ano, além dessas duas cidades principais, visitamos uma vintena de localidades e assistimos a mais de cinquenta reuniões, durante uma viagem de sete semanas e um percurso de seiscentas e noventa e três léguas. Nossa intenção não é fazer um relato pitoresco da excursão. Dela recolhemos todos os episódios que, talvez, um dia terão seu interesse, pois já pertencerão à História, mas hoje, limitamo-nos a resumir as observações que fizemos sobre a situação da doutrina, e a levar ao conhecimento geral as orientações que demos nos diferentes Centros. Sabemos que os verdadeiros espíritas assim o desejam e preferimos satisfazê-los a agradar aqueles que andam à procura de motivos para diversão. Nesta narrativa, aliás, muitas vezes o nosso amor-próprio estará posto em jogo, e esta é uma razão preponderante para certo retraimento de nossa parte e é, também, o motivo que nos impede de publicar os inúmeros discursos que nos foram dedicados, mas que guardamos como preciosas recordações. O que não poderíamos deixar de constatar, sem passarmos por ingratos, é o acolhimento tão afável e tão simpático que recebemos, e que foi suficiente para nos recompensar por todas as fadigas. Devemos particular agradecimento aos espíritas de Provins, Troyes, Sens, Lyon, Avignon, Montpellier, Cette, Toulouse, Marmande, Albi, Sainte-Gemme, Bordéus, Royan, Meschers-sur-Garonne, Marennnes, St.-Pierre d'Oléron, Rochefort, St-

-Jean d'Angély, Angoulême, Tours e Orléans, bem como a todos os que não recuaram diante de uma viagem de dez a vinte léguas para irem se reunir a nós nas cidades em que nos estivemos. Essa acolhida poderia, realmente, despertar o nosso orgulho, se não levássemos em conta que tais demonstrações se dirigiam bem menos a nós do que à doutrina, cujo crédito atestam, já que, não fosse por ela, nada seríamos e ninguém pensaria em nós.

O primeiro resultado que pudemos constatar foi o imenso progresso realizado pelas crenças espíritas, do qual um único fato poderá nos dar uma ideia. Quando de nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, existiam ali, no máximo, algumas centenas de adeptos; no ano seguinte já alcançavam a casa de cinco a seis mil, e este ano, tornou-se impossível calcularmos o seu número. Podemos, sem exagero, avaliá-los entre vinte e cinco e trinta mil. Em Bordéus, no ano passado não chegavam a mil, número que foi decuplicado no espaço de um ano. É um fato comprovado, que ninguém pode negar. Mas há outro fato notável, que pudemos verificar: em uma grande quantidade de localidades onde era desconhecido, o Espiritismo penetrou graças às pregações que lhe eram desfavoráveis e que inspiraram nas pessoas o desejo de saber em que ele consistia. Em seguida, como o acharam racional, conquistou partidários. Poderíamos citar, entre outras, uma pequena cidade do Departamento do Indre-et-Loire, no qual, nos últimos seis meses, nunca se ouvira do falar de Espiritismo. Ali, ocorreu a um pregador a ideia de fulminar, do púlpito, o que ele chamava, falsa e impropriamente, a religião do século dezoito e o culto a Satã. A população, surpresa, quis saber do que se tratava; encomendaram livros e hoje, ali, os adeptos organizaram um Centro. Bem tinham razão os Espíritos de nos dizer, alguns anos atrás, que os nossos próprios adversários, sem o quererem, serviriam à nossa causa. Está provado, em toda parte, que a propagação do Espiritismo ocorreu em razão dos ataques. Ora, para que uma ideia seja divulgada por tal processo, é preciso que ela satisfaça e que seja considerada mais racional do que aquelas que lhe são opostas. Assim, um dos resultados de nossa viagem foi poder constatar, com os

próprios olhos, o que já sabíamos por nossa correspondência.

É preciso admitir, todavia, que essa progressão ascendente está longe de ser uniforme: Se há regiões onde a doutrina espírita parece germinar à medida que é semeada, há outras onde penetra mais dificilmente, por motivo de causas locais, ligadas ao caráter de seus habitantes e, sobretudo, à natureza de suas ocupações. Nestes últimos lugares, os espíritas estão espalhados, isolados; mas aí, como em outros lugares, são raízes que, cedo ou tarde, brotarão, como atualmente já ocorre nos centros mais numerosos. Por toda parte a ideia espírita começa a ser difundida a partir das classes esclarecidas ou de cultura mediana. Em nenhum lugar principiou pelas classes incultas. Da classe média ela se estende às mais altas e às mais baixas categorias da escala social. Hoje, em várias cidades, as reuniões são compostas quase que exclusivamente de membros dos tribunais, da magistratura e do funcionalismo; a aristocracia também fornece o seu contingente de adeptos, mas, até o presente, eles se contentam em ser simpatizantes, pouco se reunindo, pelo menos na França. As reuniões desse gênero são vistas de preferência na Espanha, Rússia, Áustria e Polônia, onde o Espiritismo tem representantes esclarecidos nas camadas sociais mais elevadas.

Um fato talvez mais importante ainda do que o número de adeptos, resultante de nossas observações, é a seriedade com que se considera a doutrina. Onde quer que investiguemos, podemos dizer que, com avidez, se busca **o lado filosófico, moral e instrutivo**. Em nenhum lugar a vimos ser reduzida a motivo de entretenimento, nem conduzirem as experiências como distração. **Em toda parte, as perguntas fúteis e a curiosidade são descartadas**. A maioria dos grupos é muito bem dirigida, alguns deles até de forma notável e com conhecimento dos verdadeiros princípios da ciência espírita. Todos estão unidos com determinação à Sociedade de Paris **e não têm outra bandeira que não sejam os princípios ensinados em *O Livro dos Espíritos***. Em geral, a ordem e o recolhimento ali reinam com perfeição, como vimos alguns grupos, em Lyon e Bordéus, compostos habitualmente por cerca de cem a duzentas pessoas, cuja postura é tão edificante como o seria em

uma igreja. Foi em Lyon que se realizou a reunião geral mais importante, composta de mais de seiscentos delegados de diferentes grupos, e tudo transcorreu de maneira admirável.

Acrescentemos que em nenhum lugar as reuniões sofreram a mais leve restrição, e somos reconhecidos às autoridades civis pelas demonstrações de cortesia de que fomos alvo em várias circunstâncias.

Os médiuns igualmente se multiplicam, havendo poucos grupos que não dispõem de vários deles, sem falar da quantidade, bem mais considerável, dos que não pertencem a nenhum núcleo, e que só fazem uso de sua faculdade isoladamente e para os amigos. Entre eles, existe um de grande superioridade, dotado de médiuns escreventes apropriados aos diferentes gêneros; **os que dominam são os médiuns moralistas**, pouco divertidos para os curiosos, que melhor fariam se procurassem distrações em outro lugar, e não nas reuniões espíritas sérias. Lyon possui vários médiuns desenhistas notáveis; um médium que pinta a óleo sem jamais haver aprendido a desenhar nem pintar e vários médiuns videntes, cuja faculdade pudemos constatar. Em Marennnes há também uma senhora médium desenhista que é ao mesmo tempo, excelente médium escrevente para as dissertações e as evocações. Em Saint-Jean d'Angély vimos uma médium mecânica que consideramos excepcional. Trata-se de uma senhora que redige longas e belas comunicações enquanto lê seu jornal ou toma parte na conversa, sem olhar a mão. Até acontece, por vezes, não perceber quando a comunicação terminou. Os médiuns iletrados são bastante numerosos e muitos psicografam sem jamais terem aprendido a escrever. Isso não é mais surpreendente do que ver desenhar um médium que não aprendeu o desenho. Mas **o que é característico é a evidente diminuição dos médiuns de efeitos físicos, à medida que se multiplicam os de efeitos inteligentes**. É que, como disseram os Espíritos, o período da curiosidade já passou; estamos, agora, no segundo período, que é o da filosofia. O terceiro, que se iniciará em breve, será o de sua aplicação à reforma da humanidade. Conduzindo as coisas com muita sabedoria, os Espíritos quiseram, preliminarmente, chamar a atenção para

essa nova ordem de fenômenos e provar a manifestação dos seres do mundo invisível. Espicaçando a curiosidade, eles se dirigiram a todo o mundo, ao passo que uma filosofia abstrata, apresentada no início, não teria sido compreendida a não ser por um pequeno número, que dificilmente lhe admitiria a origem. Agindo gradativamente, mostraram o que podiam fazer. Mas como, em definitivo, as consequências morais eram sua finalidade essencial, assumiram o tom sério quando julgaram suficiente o número de pessoas dispostas a ouvi-los, pouco se inquietando com os recalcitrantes. Agora, quando a ciência espírita estiver solidamente constituída; quando houver sido completada e livre de todas as ideias sistemáticas e errôneas, que caem diariamente diante de um exame sério, eles se ocuparão de seu estabelecimento em âmbito universal, empregando meios poderosos. Enquanto esperam, semeiam a ideia por todo o mundo, a fim de que, chegado o momento, ela já encontre balizas por toda parte e, então, eles saberão superar todos os obstáculos, pois, o que podem representar contra eles e contra a vontade de Deus os obstáculos humanos?

Esse avanço racional e prudente revela-se em tudo, mesmo nos mais sutis ensinamentos, graduados e proporcionados de acordo com o tempo, os lugares e os costumes dos homens. Assim, como uma luz ofuscante e súbita cega em vez de iluminar, os Espíritos oferecem-na aos poucos. Quem quer que acompanhe o progresso da ciência Espírita reconhecerá que ela cresce em importância à medida que penetra os mais profundos mistérios. Hoje ela aborda ideias que, alguns anos atrás, nem sequer suspeitávamos, e ainda não disse a última palavra, pois nos reserva muitas outras revelações.

Reconhecemos esse **avanço progressivo do ensino** pela natureza das comunicações obtidas nos diferentes grupos que visitamos, comparadas às de outrora. Elas não se distinguem apenas por sua extensão, sua amplidão, sua facilidade de obtenção e a elevada moralidade, mas, sobretudo, pela natureza das ideias discutidas, por vezes de maneira magistral. Sem dúvida, isso depende muito do médium, mas não exclusivamente; não basta ter um bom instrumento, é necessário um bom músico para dele obter belos sons e, é preciso a esse

músico audiência capaz de compreendê-lo e apreciá-lo, pois, quem se daria ao trabalho de tocar para os surdos?

Esse progresso, aliás, não é geral. Abstração feita dos médiuns, nós o constatamos constantemente em relação ao caráter dos grupos. Ele atinge o seu maior desenvolvimento naqueles em que reinam, juntamente com a mais viva fé, os sentimentos mais puros, o mais absoluto desinteresse **moral**. Os Espíritos sabem muito bem em quem depositar confiança, em relação aos problemas que não podem ser compreendidas por todos. Nos que apresentam condições insatisfatórias o ensino é bom, sempre moral, mas geralmente se restringe a banalidades.

Por desinteresse moral entendemos a abnegação, a humildade, a ausência de qualquer pretensão orgulhosa, de todo pensamento de dominação à custa do Espiritismo. Seria supérfluo falar do desinteresse material, pois é uma questão de princípio e, além disso, porque constatamos, em toda parte, uma repulsa instintiva contra qualquer ideia de especulação, que seria vista como um sacrilégio. Os médiuns interesseiros e profissionais são desconhecidos nos lugares a que fomos, com exceção de uma única cidade, que conta com alguns. Aquele que, em Bordéus ou nos arredores, fizesse profissão de suas faculdades, não inspiraria a menor confiança; muito ao contrário, seria repellido por todos os grupos, sentimento que pudemos constatar.

Outro traço característico dessa época é o número incalculável e sempre crescente de adeptos **que nada viram** e que não são menos entusiastas, **porque leram e compreenderam**. Em Cette, por exemplo, só conhecem os médiuns por ouvirem falar e pelos livros, porém é difícil encontrar-se mais fé e mais fervor. Um dos habitantes nos perguntou se essa facilidade em aceitar a doutrina pela simples teoria era um bem ou um mal; se era própria de um espírito sério ou superficial. Respondemos-lhe que a facilidade em aceitar a ideia é um indicio da facilidade de compreendê-la; que pode ser **inata**, como qualquer outra ideia, bastando uma fagulha para fazê-la sair de seu estado latente. Essa facilidade em compreender denota uma evolução anterior nesse sentido; seria levandade

aceitá-la sob palavra e cegamente. Já o mesmo não acontece com aqueles que só a adotam depois de haverem estudado e compreendido: eles veem através dos olhos da inteligência o que outros só veem pelos olhos do corpo. Isso prova que dão mais importância ao fundo do que à forma; para eles **a filosofia é o principal, as manifestações constituem um mero acessório**. Essa filosofia explica-lhes o que nenhuma outra foi capaz de explicar e satisfaz-lhes a razão pela sua lógica, preenchendo neles o vazio da dúvida, o que lhes é suficiente. Eis por que a preferem a qualquer outra.

É raro que as pessoas, incluídas nessa categoria não sejam bons e verdadeiros espíritas, porque há nelas o germe da fé, abafado momentaneamente pelos preconceitos terrenos. Além disso, as razões de convicção variam conforme os indivíduos. Para uns, há necessidade de provas materiais; para outros, as provas morais são suficientes. Ora, há indivíduos que não se convencem nem por umas nem por outras; essas características são um diagnóstico da natureza de seu espírito. Em todo caso, pouco podemos esperar dos que dizem: “Só acreditarei se tal coisa se produzir”, e absolutamente nada dos que julgam não ser digno deles o trabalho de estudarem e observarem. Quanto aos que dizem: “Mesmo que eu visse não acreditaria, pois **sei que é impossível**”, é inútil mencioná-los e, mais inútil ainda, perder nosso tempo com eles.

Sem dúvida, já é muito acreditarmos, mas apenas a crença não é suficiente, se não oferecer resultados e, infelizmente, há muitos nessa situação, isto é, pessoas para quem o Espiritismo é apenas um fato, uma bela teoria, uma letra morta que não conduz a nenhuma mudança, nem no seu caráter, nem em seus hábitos. Mas, ao lado dos espíritas simplesmente crentes ou simpatizantes, há os espíritas de coração, e nos sentimos felizes de havermos encontrado muitos deles. Vimos transformações que poderiam ser chamadas de milagrosas; recolhemos exemplos admiráveis de zelo, abnegação e devotamento, numerosos casos de caridade verdadeiramente evangélica que, com justiça, poderíamos chamar: **Os belos traços do Espiritismo**. As reuniões compostas exclusivamente de verdadeiros e sinceros espíritas, daqueles nos quais fala o coração, também

apresentam um aspecto muito especial; todas as fisionomias refletem franqueza e cordialidade; nós nos sentimos à vontade nesses ambientes simpáticos, verdadeiros templos da fraternidade. Tanto quanto os homens, os Espíritos aí se comprazem, mostrando-se mais expansivos e transmitem suas instruções de caráter mais íntimo. Naquelas, ao contrário, em que há divergência de sentimentos, em que as intenções não são totalmente puras, em que notamos o sorriso sardônico e desdenhoso em certos lábios, onde sentimos o sopro da má vontade e do orgulho, em que se teme a cada instante pisar o pé da vaidade ferida, há sempre mal-estar, constrangimento e desconfiança. Ali, os próprios Espíritos são mais reservados e os médiuns muitas vezes paralisados pela influência dos maus fluidos, que pesam sobre eles como um manto de gelo. Tivemos a felicidade de assistir a numerosas reuniões que se enquadram na primeira categoria e registramo-las com alegria em nossas notas, como uma das mais agradáveis recordações que guardamos de nossa viagem. Reuniões dessa natureza certamente se multiplicarão, à medida que o **verdadeiro objetivo** do Espiritismo for mais bem compreendido; são também essas que fazem a mais sólida e mais frutuosa propaganda, visto que se dirigem a pessoas sérias e que preparam a **reforma moral da humanidade pregando pelo exemplo**. É notável que as crianças educadas nesses princípios adquirem um raciocínio precoce que as torna infinitamente mais fáceis de serem conduzidas; vimos muitas delas, de todas as idades e de ambos os sexos, em diversas famílias espíritas que nos receberam, e pudemos constatar o fato pessoalmente. Isso não lhes tira a alegria natural, nem a vivacidade; nelas não existe essa turbulência, essa teimosia, esses caprichos que tornam tantas outras insupportáveis; pelo contrário, elas revelam um fundo de docilidade, de ternura e de respeito filial que as leva a obedecer sem esforço e as torna mais estudiosas. Foi o que pudemos observar, e essa constatação é geralmente confirmada. Se pudéssemos analisar aqui os sentimentos que essa crença tende a desenvolver nas crianças, facilmente conceberíamos o resultado que pode produzir. Diremos somente que a convicção que elas têm da presença de seus avós que ali estão, ao seu lado, podendo

vê-las incessantemente, impressiona-as bem mais vivamente do que o medo do diabo, no qual logo acabam por não crer, enquanto não podem duvidar do que testemunham diariamente no seio da família. É, pois, uma geração espírita que cresce e que vai aumentando sem cessar. Essas crianças, por sua vez, educarão seus filhos nos mesmos princípios, ao passo que os velhos preconceitos vão desaparecer com as velhas gerações. É evidente que a ideia espírita será, um dia, a crença universal.

Um fato não menos característico do estado atual do Espiritismo é o desenvolvimento de uma corajosa opinião. Se ainda existem adeptos reprimidos pelo temor, hoje seu número é bem pouco significativo ao lado dos que confessam abertamente suas crenças e já não temem se confessar espíritas, como não receariam passar-se por católicos, judeus ou protestantes. A arma do ridículo, à força de golpear sem abrir brechas e em face de tantas pessoas notáveis, que proclamam em alta voz a nova filosofia, acabou por se desgastar e viu-se obrigada a curvar-se. Uma única arma permanece ainda em riste: a ideia do diabo; mas é ao próprio ridículo que se faz justiça. Além disso, não foi apenas esse gênero de coragem que verificamos, mas também a da ação, do devotamento e do sacrifício, ou seja, dos que corajosamente, em certas localidades, se colocam à frente do movimento das ideias novas, correndo riscos e enfrentando ameaças e perseguições. Sabem que se os homens lhes fizerem mal nesta vida, Deus não os esquecerá.

Como se sabe, a obsessão é um dos grandes obstáculos do Espiritismo; assim, não podemos negligenciar um ponto tão capital. A esse respeito, recolhemos importantes observações que constituirão o assunto de um artigo especial na *Revista*, no qual falaremos dos possessos de Morzine, que também visitamos na Alta Saboia. Aqui diremos somente que os casos de obsessão são muito raros entre aqueles que fizeram um estudo prévio e atento do *Livro dos Médiuns* e se identificaram com os princípios nele contidos, porque se mantêm alertas, atentos aos menores sinais que poderiam trair a presença de um Espírito suspeito. Vimos alguns grupos que, evidentemente, encontram-se sob uma influência abusiva,

porque com ela se comprazem e dela tornam-se presa por uma confiança demasiado cega e por certas predisposições morais. Outros, ao contrário, têm tanto medo de serem enganados que levam a desconfiança, por assim dizer, ao excesso, analisando com meticoloso cuidado todas as palavras e todos os pensamentos, preferindo rejeitar o que é duvidoso a arriscar-se a correr o risco de admitir o que seria mau. Assim, os Espíritos enganadores, vendo que nada têm a fazer ali, acabam por se retirar, indo buscar compensação junto dos que lhes oferecem menor dificuldade e nos quais encontram algumas fraquezas e alguns defeitos de espírito a explorar. O excesso em tudo é prejudicial, mas, em semelhante caso, **é preferível pecar por excesso de prudência a pecar por excesso de confiança.**

Outro resultado de nossa viagem foi permitir-nos julgar a opinião relativa a certas publicações que se distanciam, mais ou menos, dos nossos princípios, algumas das quais chegam mesmo a ser-lhes francamente hostis.

Digamos, primeiramente, que encontramos uma aprovação unânime ao nosso silêncio a respeito dos ataques pessoais que temos sofrido, e que recebemos diariamente cartas de felicitações a esse respeito. Nos muitos discursos que foram pronunciados, a nossa moderação foi aplaudida abertamente. Um deles, entre outros, contém a seguinte passagem: “A maledicência de vossos inimigos produz um resultado inteiramente contrário ao que esperam: o de engrandecer-vos ainda mais aos olhos dos vossos numerosos discípulos e de estreitar os laços que os unem a vós. Por vossa indiferença, mostrais que tendes consciência de vossa força. Opondo a mansidão às injúrias, dais um exemplo que saberemos aproveitar. A História, caro mestre, assim como vossos contemporâneos, e melhor ainda do que eles, levará a vosso crédito essa moderação, quando constatar, por vossos escritos, que às provocações da inveja e do ciúme, só opusestes a dignidade do silêncio. Entre eles e vós, a posteridade será o juiz”.

Os ataques pessoais jamais nos afetaram, o que ocorreu de outra forma com os que são dirigidos contra a doutrina. Algumas vezes, respondemos diretamente a certas críticas, quando isso nos pareceu necessário, e a fim de provar que,

se preciso, podemos levantar a luva. E o teríamos feito com mais frequência, se constatássemos que esses ataques causavam prejuízo real ao Espiritismo. Mas, quando ficou provado pelos fatos que, longe de prejudicá-lo, serviam à causa, admiramos a sabedoria dos Espíritos que empregavam seus próprios inimigos para propagar a doutrina e fazer, por meio da censura, a ideia penetrar em meios onde **jamais teria penetrado pelo elogio**. Esse é um fato que nossa viagem nos fez constatar de maneira peremptória, pois, nesses mesmos círculos, o espiritismo recrutou mais de um partidário. Quando as coisas caminham por si sós, por que, então, entrar em lutas para combater ataques sem efeito? Quando um exército percebe que as balas do inimigo não o atingem, ele o deixa atirar à vontade e desperdiçar suas munições, bem certo de obter uma vantagem posteriormente. Em semelhantes circunstâncias, o silêncio é, muitas vezes, um ardil; o adversário, ao qual não se responde, julga não haver ferido suficientemente ou não ter encontrado o ponto vulnerável. Então, confiando em um sucesso que imagina fácil, ele se mostra e se perde. Uma resposta imediata o teria posto em guarda. O melhor general não é o que se atira impetuosamente na luta, mas o que sabe esperar e ver chegar a hora. Foi o que aconteceu a alguns dos nossos antagonistas: observando o caminho por onde enveredavam, tivemos certeza de que nele se afundariam cada vez mais. Apenas os deixamos agir; e seus sistemas foram, muito mais e mais cedo do que se esperava, desacreditados por seus próprios exageros, o que não teríamos conseguido fazer com os nossos argumentos.

Entretanto, dizem os pretensos críticos de boa-fé, nossa única preocupação é a de nos esclarecer, e, se atacamos, não é por hostilidade de preconceito ou má vontade, mas para que, da discussão, possa jorrar a luz. Entre esses críticos, alguns são seguramente sinceros; mas devemos notar que os que têm em vista apenas questões de princípios discutem com calma e jamais se afastam das conveniências. Ora, quantos desse tipo encontramos? O que contém a maior parte dos artigos que a grande ou pequena imprensa tem dirigido contra o Espiritismo? Diatribes, facécias geralmente muito pouco espi-

rituosas, tolas e vulgares pilhérias, muitas vezes injúrias que se caracterizam pela grosseria e a vulgaridade. Serão críticos sérios, dignos de uma resposta? Há os que se traem com tanta facilidade que se torna inútil desmascará-los, pois todos percebem suas intenções.

Seria, realmente, dar-lhes demasiada importância, sendo preferível deixar que esfreguem as mãos de satisfação em seu pequeno círculo, a pô-los em evidência por meio de polêmicas sem objetivo, já que não os convenceriam. Se a moderação não estivesse em nossos princípios, já que ela é a própria consequência da doutrina Espírita, que prescreve o esquecimento e o perdão das ofensas, seríamos encorajados a empregá-la ao vermos o efeito produzido por esses ataques, constatando que a opinião pública nos vingaria melhor do que o fariam nossas palavras.

Quanto aos críticos sérios, de boa-fé, que comprovam sua arte de viver pela urbanidade das expressões, e que colocam a ciência acima das questões pessoais, a eles muitas vezes respondemos, se não sempre diretamente, ao menos quando temos oportunidade de tratar questões controvertidas em nossos artigos, embora não haja objeção que não encontre sua resposta para quem quer que se dê ao trabalho de lê-los. Para responder a cada um, individualmente, seria preciso repetir, incessantemente, a mesma coisa, e isso só serviria para uma única pessoa. O tempo, aliás, não nos permitiria, enquanto que aproveitando um assunto que se apresenta para refutá-lo ou dar uma explicação, conseguimos, na maioria das vezes, colocar o exemplo ao lado do preceito, e isso serve para todo mundo.

Havíamos anunciado um pequeno volume de *Refutações*. Ainda não o publicamos porque nos pareceu que não havia pressa e tínhamos razão. Antes de responder a certas brochuras que, no dizer de seus autores, deveriam fazer ruir os fundamentos do Espiritismo, quisemos julgar o efeito que teriam. Pois bem! Nossa viagem nos convenceu de uma coisa: elas nada minaram, o Espiritismo está mais vivo do que nunca e hoje quase não se fala dessas brochuras. Sabemos que nos círculos aos quais eram endereçadas e aos quais não nos di-